

Associação Brasileira de Documentaristas e Curtas-metragistas (ABD Nacional)

apresenta:



PRESS BOOK

# Índice

|  |    |
|--|----|
| Capa                                     | 1  |
| Índice                                   | 2  |
| Apresentação                             | 3  |
| Por que Olney São Paulo                  | 4  |
| DIA do Documentário                      | 5  |
| Sinopses                                 | 6  |
| Ficha Técnica                            | 6  |
| Trailer do Filme                         | 7  |
| Biografia Olney São Paulo                | 8  |
| Filmografia Olney São Paulo              | 10 |
| Artigos Correlatos sobre Olney São Paulo | 11 |
| Referências                              | 15 |
| Contatos                                 | 15 |

*"Olney é a Metáfora de uma Alegoria. Retirante dos sertões para o litoral – o cineasta foi perseguido, preso e torturado. A Embrafilme não o ajudou, transformando-o no símbolo do censurado e reprimido. "Manhã Cinzenta" é o grande filmexplosão de 1968 e supera incontestavelmente os delírios pequeno-burgueses dos histéricos udigrudistas (...) Panfleto bárbaro e sofisticado, revolucionário a ponto de provocar prisão, tortura e iniciativa mortal no corpo do Artysta."*

Glauber Rocha

## Apresentação

No intuito de dar mais visibilidade ao Documentário e de fortalecer a entidade que foi criada em 1973 para defesa dos seus realizadores e dos cineastas brasileiros, a presidente da ABD Nacional, Solange Lima convocou todas as ABDs para a criação do Dia do Documentário.

Durante três meses, as ABDs dos 26 estados e do Distrito Federal foram consultadas e decidiram por votação o nome de um cineasta para ser o patrono do evento, como símbolo da luta dos documentaristas brasileiros, cuja data de nascimento seria fixada como o dia da homenagem.

Diante da histórica resistência da ABD durante a ditadura militar, mesmo reconhecendo outros grandes nomes da história do documentário brasileiro, o nome mais votado pelas 27 ABDs e pelos cineastas que se manifestaram foi o de Olney São Paulo.



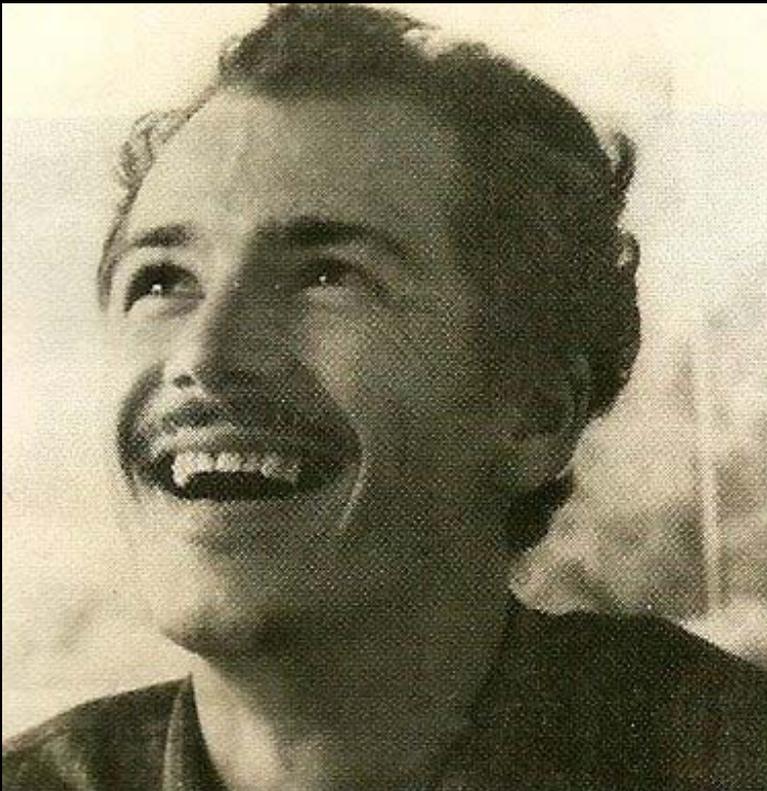
“Se o cinema não existisse (eu só não seria cineasta se o cinema não existisse), seria contista, pintor ou músico, nesta ordem”

Olney São Paulo

## Por que Olney

Olney São Paulo nasceu em 7 de Agosto de 1936 em Feira de Santana, mais precisamente no município de Riachão do Jacuípe, Bahia, Brasil. Cineasta, documentarista influenciado pelo neo-realismo italiano, ele dirigiu vários filmes, dentre eles os filmes “O Grito da Terra” em 1964 e “Manhã Cinzenta” em 1968/69, este último pivô de um incidente que custou a vida ao seu diretor.

No dia 8 de outubro de 1969, um avião brasileiro foi sequestrado por membros da organização MR-8 e desviado para Cuba. Um dos sequestradores levava consigo uma cópia de “Manhã Cinzenta”, violento libelo contra a ditadura. O filme foi exibido durante o voo, o que levou os órgãos da repressão a associar o nome de Olney ao sequestro. O cineasta foi detido, torturado e finalmente liberado com suspeita de pneumonia dupla. Internado várias vezes, debilitado física e psicologicamente, Olney jamais recuperou plenamente a saúde e veio a morrer em 1978. Proibido no Brasil, “Manhã Cinzenta” foi exibido e premiado em vários festivais internacionais, como os de Mannheim e Oberhausen.



## **DIA do Documentário**

O documentário foi o responsável pelo registro das primeiras imagens do cinema, o cinema nasceu documentando o cotidiano, a vida.

O filme documentário é muito mais do que um registro imediato dos fatos. Ele é testemunha da História e também uma forma de cada um expressar para a sociedade a sua forma de ver o mundo. Por isso acreditamos que quanto mais documentaristas estiverem em atividade, mais riqueza de informações teremos, pois cada novo documentário nos traz uma leitura diferenciada. Ele é ferramenta de resgate, denúncia ou afirmação e hoje se impõe a cada dia na medida em que a maioria dos canais de TV e as novas janelas se abrem para este formato, seja de curta, média ou longa duração.

Há uma nova ordem se instalando no audiovisual em todo o mundo e a forma de registrar a realidade é cada vez mais dinâmica e criativa, comportando vários formatos. É preciso adotar e fortalecer políticas e iniciativas, a exemplo do DOC TV, que fez desfilar em horário nobre de TV a diversidade cultural do nosso país através dos documentaristas de todas as regiões. Fortalecer a identidade cultural do nosso povo, que hoje assume ele mesmo, em todas as regiões, nas escolas e nas aldeias, nos pontos de cultura e nas comunidades, nas cidades e nos rincões, a tarefa de registrar suas próprias imagens, numa prova de que o ato de documentar não tem fronteiras. E a implantação da banda larga nos obriga a pensar em novas alternativas para a democratização dessas imagens e para o fortalecimento dessa atividade.

O Dia do Documentário foi pensado no sentido de destacar a importância desse gênero, fortalecer o seu papel junto à sociedade e estimular a sua visibilidade, bem como de resgatar a obra dos nossos documentaristas que foram esquecidos. A ABD entende que a criação dessa data comemorativa é uma forma de reunir os diversos agentes envolvidos na produção e difusão de documentários e gerar debates e novas proposições para o setor, firmando-se, assim, como um evento de forte integração e enriquecimento sócio-cultural.

**Solange Lima**  
**Presidente da ABD Nacional**

## Sinopses

### Sinopse 1

Um golpe de estado num país imaginário da América Latina. O poder. A repressão. O filme que levou seu realizador aos porões da ditadura.

### Sinopse 2

Manhã cinzenta aborda um golpe de estado num país imaginário da América Latina, no qual os estudantes assumem o poder. O filme aborda de maneira pioneira a questão do movimento estudantil no Brasil em 1968. Foi a primeira produção brasileira a ganhar o prêmio Obernhausen, na Alemanha Oriental.

## Ficha Técnica

### Manhã Cinzenta

**Direção:** Olney São Paulo

**Produção:** Olney São Paulo, Ciro de Carvalho Leite

**Roteiro:** Janet Chermont (escritor), Sonélio Costa (escritor), Maria Helena Saldanha (escritor)

**Montagem:** Luis Tamin

**Fotografia e Câmera:** Jose Carlos Avelar

**Gênero:** Drama

**Elenco:** Sonelio Costa, Janete Chermont

**Origem:** Brasil

**Duração:** 21 minutos

**Tipo:** Média-metragem



Trailer do Filme



<http://www.youtube.com/watch?v=iRIgSMQDTNI>

## Biografia - Olney São Paulo

Filho de Joel São Paulo Rios e Rosália (*Zali*) Oliveira São Paulo, Olney fez os primeiros estudos em sua cidade natal. Perde o pai Joel aos 7 anos de idade, e vai morar com seu avô, o tabelião Augusto Aclepiades de Oliveira, em Riachão do Jacuípe.

Em 1948, o avô leva Olney, sua mãe, Dona "Zali", e seus irmãos Valnei, Valdenei e Walneie, para morar em Feira de Santana, que neste período já era o entreposto comercial mais importante do sertão baiano. Ali o menino continua seus estudos no Colégio Santanópolis.

Algum tempo depois D. Zali se casa novamente e Olney ganha mais três irmãos - Carlos Antônio, Colbert Francisco e Alberto Ulysses. Olney se destaca no colégio, participando do grêmio, escrevendo sobre a cinema no jornal do colégio e afinal é escolhido orador da turma do ginásio.

A paixão pelo cinema nasceu com a chegada a Feira de Santana da equipe do diretor Alex Vianny, em(1954), para filmar o episódio "Ana" do filme "Rosa dos Ventos" (Die Windrose), com roteiro de Alberto Cavalcanti e Trigueirinho Neto. Olney engaja-se na equipe durante todo o tempo em que esteve em Feira de Santanae, acompanha as filmagens e atua como figurante em algumas cenas. Em carta escrita a Alex Vianny, em 05 de novembro de 1955, escreve: "*Eu sou um jovem que tem inclinação invulgar para o cinema. Porém, como neste mundo aquilo que desejamos nos foge sempre da mão, eu luto com incríveis dificuldades para alcançar o meu objetivo*".<sup>[1]</sup>

Em 1955, é redator do jornal "O Coruja". Sob o pseudônimo de Conde D'Evey escreve sátiras e críticas ao colunismo social de Feira de Santana, na coluna *Causerie*, para desgosto da burguesia local. Escreve também sobre literatura e artes. Também cria e dirige o programa "Cinerama" na Rádio Cultura de Feira de Santana, onde comentava filmes em exibição e novidades da produção mundial. Leciona Contabilidade Pública e a Organização Técnica Comercial na Escola Técnica de Contabilidade da cidade. No mesmo ano, é aprovado no concurso do Banco do Brasil. No ano seguinte, leitores ofendidos forçam Olney a encerrar a coluna *Causerie*. O programa de rádio também chega ao fim.

Na impossibilidade de realizar produções cinematográficas escreve sobre casos e fatos - alguns verídicos, outros imaginários - transformando-os em novelas e contos, escritos em estilo cinematográfico, abordando temas nordestinos - o misticismo, a magia do seu povo, personagens e histórias do sertão reconstruídas em narrativa linear, encadeada à moda do cancionero popular -, registrando o linguajar regional do catingueiro.

Ainda em 1955, com fotógrafo Elídio Azevedo, produz seu primeiro curta-metragem - "*Um crime na feira*". Com uma filmadora 16mm Kodak antiga e, coletando dinheiro entre os amigos, compra os negativos. Filma o roteiro em sequência linear, efetuando os cortes com as paradas na própria câmera, já que não dispunha de moviola. Finalizado entre 1956 e 1957, com dez minutos

de duração, o filme é exibido em clubes de Feira de Santana e outras cidades do interior da Bahia, acompanhando espetáculos teatrais que o próprio Olney organizava, pela Associação Cultural Filinto Bastos. Nessa época, Olney cria a Sociedade Cultural e Artística de Feira de Santana (SCAFS) e o Teatro de Amadores de Feira de Santana (TAFS).

Em maio de 1956, conquista a Menção Honrosa do Concurso de Contos da revista “A cigarra” do Rio de Janeiro, com o conto “Festim à meia-noite”. Em outubro do mesmo ano, conquista outra Menção Honrosa, desta vez com o conto “A última História”.

Começa a se interessar pela obra de Jorge Amado. Escreve-lhe algumas cartas, entre 1956 e 1957, pedindo informações sobre o andamento das filmagens de algumas de suas obras.

Em 1958, Olney é baleado pelas costas pelo amigo Luiz Navarro. Ambos disputavam a jovem Maria Augusta. Navarro diz que foi acidental. O ferimento perfura seu pulmão esquerdo.

Em 1959, durante uma viagem a Maceió, Alagoas, adquire uma câmera Bell & Howeel. Escreve o roteiro do documentário “O Bandido Negro”, sobre um personagem da literatura popular, Lucas de Feira (1804-1849), chefe de um bando terrível, que assolou a região de Feira de Santana, realizando saques e assaltos e também lutou pela abolição da escravatura na Bahia. Escreve também o roteiro do *O vaqueiro das caatingas*, *ambos os roteiros não concretizados por falta de recursos*.

## Filmografia

### Curtas

- *Um crime na rua* (1955), 16 mm, 10 minutos, p&b, roteiro, direção e ator.
- *O profeta de Feira de Santana* (1970), 35 mm, 8 minutos, cor, roteiro, montagem, diretor e co-produtor.
- *Cachoeira: documento da História* (1973), 35 mm, 9 minutos, cor e p&b, roteiro, montagem, diretor e co-produtor.
- *Como nasce uma cidade* (1973), 35 mm, 10 minutos, cor e p&b, roteiro, direção e produção.
- *Teatro brasileiro I: origem e mudanças* (1975), 35 mm, 12 minutos, cor, roteiro e direção.
- *Teatro brasileiro II: novas tendências* (1975), 35 mm, 11 minutos, cor, roteiro e direção.
- *Sob o ditame do rude Almajesto: sinais de chuva* (1976), 16 mm, 13 minutos, cor, roteiro e direção. Argumento: inspirado na crônica de Eurico Alves Boaventura. Câmera de Edgar Moura.
- *A última feira livre* (1976), 16 mm, cor, direção. Roteiro de Hermínio Lemos. Câmera de Edgar Moura.

### Médias

- *Manhã cinzenta* (1969), 35 mm, p&b, 21 minutos, roteiro, direção e produção. Câmera de José Carlos Avellar.
- *Pinto vem aí* (1976), p&b, 25 minutos, roteiro e direção. Câmera de Edgar Moura.
- *Dia de Erê* (1978), 16 mm, 30 minutos, cor, roteiro e direção. Câmeras de Ronaldo Foster e Walter Carvalho.

### Longas

- *Grito da terra* (1964), 35mm, 80 minutos, p&b. roteiro e direção. Argumento: romance homônimo de Ciro de Carvalho Leite. Câmera de Leonardo Bartucci. Trilha Sonora de Fernando Lona.
- *O forte* (1974), 35 mm, 90 minutos, cor, roteiro e direção. Argumento: romance homônimo de Adonias Filho.
- *Ciganos do nordeste* (1976), 16 mm, 70 minutos, cor, roteiro, direção e produção. Câmera de Edgar Moura. O filme foi concluído em 1978, depois da morte do cineasta, pelos amigos Orlando Senna e Manfredo Caldas, seguindo as orientações deixadas por Olney São Paulo.
- *O Amuleto de Ogum* (1974)

## Artigos Correlatos sobre Olney São Paulo

### Humanismo e poesia

Orlando Senna\*

Meu compadre Olney São Paulo filmava com o que tinha à mão, com a câmara que podia conseguir, com negativo vencido, com produção mínima ou sem produção. Ainda não tinha vinte anos, há pouco havia abandonado a pequena Riachão de Jacuípe no agreste baiano e começava a conhecer o mundo nas ruas de Feira de Santana, dita Princesinha do Sertão, quando fez seu primeiro filme. Como ninguém conhecia o assunto em um raio de cem quilômetros (a distância Feira-Salvador), foi roteirista, diretor, ator, figurinista, cenógrafo e continuísta, além de se ocupar do som. Era o cabeça de um pequeno grupo de jovens que se interessava por fotografia e cinema e que, na falta da possibilidade de fazer, mergulhava na teoria. A esta altura Olney já tinha lido toda a teoria, façanha das maiores para quem vivia no interior da Bahia nos anos 40 e 50, e visto mais filmes do que todos seus amigos de Feira - cobria constantemente os tais cem quilômetros para ver filmes em Salvador e para freqüentar, aos domingos, o Cine-Clube de Walter da Silveira, onde o conheci. A teoria já estava digerida, John Ford já lhe havia mostrado a “força criadora”, Vittorio de Sica já lhe havia revelado o “lirismo”, já não havia outro caminho possível para sua ânsia a não ser a prática.

Não podia fazer tudo, claro, não dá para chutar o córner e cabecear na área, e estimulou um dos amigos, Elídio Azevedo, que fazia fotos, a entestar uma câmara cinematográfica. A câmara, uma *Kodak* mais antiga do que estes antigos tempos aqui narrados conseguiram emprestada. Para a compra do negativo fizeram uma vaquinha. Não deu para muito, teve de ser um por um (ou seja, só tinha dez minutos de negativo para um filme de dez minutos de duração) e assim foi feito. Grana para a montagem, para alugar uma moviola, nem pensar. Então o jeito foi fazer a edição na câmara, filmar a história na ordem linear, incluindo as inserções, o que deu um enorme trabalho a Elídio e ao próprio Olney (que também cinegrafava quando não estava de ator) porque não é fácil: em cada troca de plano tem de voltar um pouco a película para não dar fotograma em branco, evitar os saltos de imagem, manter o equilíbrio da luz ou calcular exatamente as mudanças dela.

Tempos heróicos, um tipo de cineasta que não existe mais. O filme, preto-e-branco, com muita câmara na mão, primeiros planos exacerbados e *travellings* vertiginosos, se chama *Um crime na rua*, meio policial, meio documentário, suspense universal e essência nordestina, feito em 1955, mais ou menos na mesma época em que Roberto Pires realizava em Salvador seu primeiro filme curta, *O calcanhar de Aquiles*, também preto-e-branco, também um policial (no de Olney a pista é um toco de cigarro, no de Roberto é um prego no sapato). No sertão e na cidade, Olney e Roberto gestavam o moderno cinema baiano e, por extensão, o Cinema Novo brasileiro. Até se transformar em luz, numa noite estrelada de 1978, Olney dirigiu quatorze filmes (além de atuar como continuísta, assistente ou produtor de outros nove), entre eles o clássico *Manhã Cinzenta*, um marco na evolução estética do cinema brasileiro e na relação política do artista independente e vertical com o Estado repressor e horizontal e vice-versa.

Todos os seus filmes foram realizados do jeito como realizou o primeiro, *Crime na Rua*: com produção escassa, apoio da família e de amigos (os tinha em quantidade), superação de qualquer dificuldade. Alguns mais, outros menos, todos foram uma batalha pessoal, um corpo-a-corpo com arma branca, um enfrentamento de vida ou morte. E em todos a realidade brasileira nua e crua segundo o seu ponto de vista onde a sabedoria arcaica do sertão e a cultura sofisticada do ocidente resultam em indignação e humanismo. Mesmo em *O Forte*, o único filme em que lançou mão de uma história não escrita por ele, o que prevalece é a sua alma-olho de cineasta radical, o seu ângulo humanista e não o do autor do romance homônimo. Radical, vertical, experimental, marginal, ou seja, poeta.

\***Orlando Senna**, cineasta, foi secretário do Audiovisual do Ministério da Cultura (Minc).

### **Olney e a amnésia cultural brasileira**

Ângela José\*

Passados 24 anos (*NR: este artigo foi escrito em 2002*) da morte de Olney São Paulo sua obra continua desconhecida para muitos estudantes e estudiosos do cinema brasileiro. Se estivesse vivo, Olney faria 66 anos neste 7 de agosto e talvez nos tivesse brindado com vários filmes cujos roteiros já estavam prontos. Porém, mesmo trabalhos como *Ciganos do Nordeste*, um dos seus últimos documentários, continua inédito para o grande público, esquecido no acervo do *CTAv/Decine*, pois não existe verba por parte dos organismos oficiais para recuperá-lo.

Dediquei cinco anos estudando e pesquisando a obra de Olney. Decupei seus filmes, reuni artigos, reportagens e entrevistei pessoas que conviveram com ele para minha tese de mestrado. Em 1999, transformada no livro biográfico: *Olney São Paulo e a Peleja do Cinema Sertanejo* foi lançada no Rio e em Salvador. Meu interesse pelo personagem surgiu em 1976, após assistir numa sessão clandestina do filme *Manhã Cinzenta*, obra pela qual o seu autor pagou um alto preço, foi preso, torturado e processado durante o regime militar.

Mártir do nosso cinema, vítima de uma época em que o País silenciava opositores e criadores intelectuais, Olney continua vítima da amnésia cultural brasileira. O passado pouco importa, “o aqui e o agora”, é a máxima de um povo que prefere esquecer a reverenciar. Este silêncio sobre nossa história e raízes culturais me faz lembrar um dos últimos roteiros de Olney, sobre *A Revolta dos Alfaiates*. Para ele, o ocorrido na Bahia tem tanta importância histórica quanto a Inconfidência Mineira para o Brasil. O cineasta morreu acalentando o sonho de transformar seu argumento em filme.

E acredito que é esta a segunda morte de Olney, a falta de continuidade de uma obra comprometida com seu povo e com suas raízes culturais. Preocupado em expressar o homem, em particular o homem nordestino, ele

descobriu na sua própria cultura sertaneja, personagens, histórias e temas a serem abordados. Riachão de Jacuípe, Cachoeira e Feira de Santana foram cenários dos documentários *Sob Ditame de Rude Almajesto: Sinais de chuva; Cachoeira – Documento da História; e Como Nasce Uma Cidade*.

A obra do artista plástico Raimundo de Oliveira está em *O Profeta de Feira de Santana* e o carisma do deputado federal Francisco Pinto em *Pinto Vem Aí*. O desenvolvimento do teatro brasileiro e as festas populares de São Cosme e Damião também estão presentes em sua filmografia.

Olney São Paulo foi um artista extremamente preocupado em documentar a cultura e a vida do homem brasileiro diante das perspectivas sociais e políticas de sua época. Mesmo quando parte para a ficção o seu foco é voltado para a literatura baiana, de Adonias Filho levando para as telas *O forte* e de Ciro Carvalho Leite, *Grito da terra*. Independente das críticas que toda adaptação literária sofre, são obras a serem vistas e discutidas. E este é o poder do cinema, eternizar imagens de uma época. Olney só não seria cineasta se o cinema não existisse e já que ele existe, por que não rever sua obra?...

**Angela José do Nascimento**, jornalista e produtora cultural, organizadora do Festival Latino-Americano de Cinema e Vídeo-Cinesul, atualmente leciona Organização de Produção Audiovisual no curso de Cinema da UFF. Autora do livro *Olney São Paulo e a Peleja do Cinema Sertanejo*, Quartet/Pulsar, RJ/1999.

### **Fotograma velado**

Olney São Paulo Jr.\*

Olney, ou melhor “O Velho Baiano”, gerúndio sem futuro nem pretérito, um cara de olho aberto para as coisas, atento, inteiramente atento, sem se dividir, sem chegar em casa do trabalho... Conheci esse cara mais ou menos dezesseis anos, sem contar a fase em que não se conhece nada. No planeta do “Velho Baiano”, só existia um vetor: a objetiva. Mas, vale dizer que sua presença, em suma, era maior. Uma enervante capacidade de síntese das situações e um espírito infernal para produzir uma produção. Do início ao fim, o clima sempre foi de produção. E, diante dos problemas, dos brasilianismos, se impôs eternamente a figura da realização e do trabalho.

Era engraçado como sua natureza se manifestava: absoluta. Nada outro existia a não ser o plano, o movimento. E o mundo todo, as pessoas, a vida, as árvores, ruas, enfim tudo, tinha apenas um objetivo: um filme. Não posso falar muito desse cara como homem ou pai ou vizinho ou um cara que entra num bar para comprar cigarros. Pois essa defasagem nunca existiu. Quando não estava fazendo cinema, estava pensando cinema ou discutindo cinema. Todo o resto era pretexto para pensar cinema. Os discos seriam para futuras trilhas sonoras; os livros futuros roteiros; e as pessoas futuros personagens.

Ah ia esquecendo: comia, depois dormia. Mas não sei o que sonhava. Depois acordava e vivia no mesmo pique. Uma vez, durante as filmagens dos *Ciganos*, fiz uma foto onde estava mirando um plano atrás de Arryflex. A integração é tão grande, que é difícil saber quem é quem.

Insone, resolveu dormir de vez. Quando começava a veicular todos os projetos antigos e arranjado uma porrada de outros novos. Ironia? Sacanagem do divino? Não sei. A última coisa que fizemos juntos foi a montagem do *Dia de Erê*. Depois, algumas saídas esparsas e um até logo que dura até hoje. Mas o fato é, que depois de dez anos, ainda espero que “O Velho Baiano” chegue com suas latas de filme, me mandando buscar o resto. Ainda espero a alegria de trazer o carro sozinho após uma noite de batalha. Espero as fotos, os dias cansados de produção, a moviola, o copo de leite gelado, o Jornal do Brasil na praia, as buscas de coração, o Deus te abençoe antes de dormir, a lasanha. Os aniversários da Pilar. Mas de qualquer maneira, tenho de esperá-lo, pois restam coisas a aprender.

Não consigo entender o sincronismo ou o nome dos planos. Ele me disse que quando voltasse, me ensinaria o resto. Eu lembro de tudo. Isso é um negócio terrível. A memória podia se desligar de vez em quando. E a morte, é, finalmente, *un manque de savoir-vivre* (NR: uma falta de polidez).

**Olney São Paulo Jr.**, músico, ator, artista plástico e fotógrafo, é o filho mais velho do cineasta. Este texto-carta serviu de guia para o filme *O Cineasta do Sertão* (1988), documentário elaborado por Ângela José, com trilha sonora de Ilya São Paulo e narração de Irving São Paulo. A carta foi enviada por Olney, de Paris – onde viveu por 16 anos -, em 1987.

## Referências

<http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=2009>

<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1072386>

<http://www.youtube.com/watch?v=iRIgSMQDTNI>

<http://filmow.com/manha-cinzenta-t14874/>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Olney\\_S%C3%A3o\\_Paulo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Olney_S%C3%A3o_Paulo)



## Contatos

### Mais Informações:

#### **Daniela Fernandes**

Diretora de Comunicação ABD Nacional

(31) 9805-9625 / 3201-9665

[imprensadiadodoc@gmail.com](mailto:imprensadiadodoc@gmail.com)

FACEBOOK – Dia do Documentário

Twitter – dia\_doc